

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA**  
**EDUCAÇÃO BÁSICA**

**Maria Cristiany Otone Matildes**

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ORALIDADE NO 1º ANO  
DO ENSINO FUNDAMENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES**

**Belo Horizonte**

**2015**

**Maria Cristiany Otone Matildes**

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ORALIDADE NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES**

**Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.**

**Orientador (a): Carlos Augusto Novais**

**Belo Horizonte**

**2015**

**Maria Cristiany Otone Matildes**

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ORALIDADE NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES**

**Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.**

**Orientador (a): Carlos Augusto Novais**

**Aprovado em 9 de maio de 2015.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Carlos Augusto Novais – Faculdade de Educação da UFMG**

---

**Daniela Freitas Brito Montuani**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho aos meus filhos, Arthur e Heitor, razões pelas quais a cada dia procuro ser uma pessoa melhor.

À minha mãe, mulher guerreira, exemplo de superação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em especial a Deus, a toda minha família, particularmente aos meus filhos , Paulinho e amigos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que eu pudesse vencer mais uma etapa dessa longa caminhada que é a vida.

Aos meus professores e ao meu orientador, pela compreensão, paciência, e por terem contribuído para a melhora da minha prática pedagógica.

## RESUMO

A linguagem oral deve ser um objeto de ensino direto e sistemático em sala de aula. Para isso é necessário, além de criar condições para que os alunos interajam oralmente com o professor e os colegas durante a realização das atividades escolares, que essas atividades favoreçam o desenvolvimento da reflexão sobre os usos sociais da língua oral em diferentes situações sociais e o desenvolvimento de produção de textos demandadas por essas situações de uso.

Nessa perspectiva, é preciso planejar e propor atividades que envolvam o debate, a argumentação, a exposição, o relato de experiências, dentre outros gêneros do discurso oral. Partindo desse pressuposto, foi desenvolvido o Plano de ação, objeto deste trabalho.

Esse plano foi desenvolvido na Escola Municipal Moysés Kalil, no segundo semestre do ano de 2014, em uma turma de alfabetização do primeiro ano do ensino fundamental. O trabalho objetivou desenvolver a linguagem oral com coerência, sequência e objetividade, de maneira prazerosa, divertida, procurando aprimorar a competência linguística da criança, através da produção textual oral, coletiva e com desenhos.

Foi analisada a expressividade dos alunos, observada , principalmente através da oralidade. Também estudou-se aspectos específicos ligados à leitura com fluência, clareza, dicção, postura, ritmo, entonação. Foi possibilitado às crianças demonstrarem sua capacidade de entender o que o autor quis transmitir em seu texto, dialogando com este, entendendo e participando da história.

Seguindo as orientações das Proposições Curriculares da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, documentos que orientam o currículo da Educação Básica de Belo Horizonte, do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – Ceale/UFMG, tendo como referências Ângela Kleimann (1993, 2003), Masagão (2002, 2003), entre outras, pode-se fazer considerações relevantes referentes ao processo de desenvolvimento da leitura e da linguagem oral, dentro da sala de aula.

**Palavras-chave:** Linguagem oral – leitura – competência linguística

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>A ALFABETIZAÇÃO PARA A ORALIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES...</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>Primeira Etapa .....</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>Segunda Etapa .....</b>	<b>18</b>
<b>2.3</b>	<b>Terceira Etapa .....</b>	<b>21</b>
<b>3</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>26</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre o Plano de Ação desenvolvido com a turma do primeiro ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Moysés Kalil e teve como objetivo desenvolver a linguagem oral com coerência, sequência e objetividade, de maneira prazerosa e divertida, procurando desenvolver a competência linguística da criança através da produção textual oral, coletiva e baseada em história com desenhos.

O tema leitura é decorrente de uma necessidade cada vez mais urgente que se coloca em todo o mundo, de se formar cidadãos letrados, capazes de entender sua posição no mundo e capazes de agir sobre sua própria história.

À escola cabe o papel de possibilitar ao aluno uma formação que lhe permita compreender criticamente sua realidade e organizar suas ações, para isso, é fundamental a construção da proficiência leitora desses alunos.

É fundamental que possamos entender a natureza do processo de leitura, compreender como acontece o processo de construção de sentidos e como o professor pode intervir neste processo propondo estratégias e procedimentos de leitura que possibilitem ao aluno fazer uso da leitura e da escrita nas diferentes práticas sociais.

O Plano de Ação foi realizado na Escola Municipal Moysés Kalil, uma escola que pertence à Rede Municipal de Belo Horizonte, cujo Projeto Político Pedagógico se encontra em construção. Entretanto vem tratando de forma sistemática o processo de construção do leitor proficiente. Há uma preocupação constante com o indivíduo e a formação de sua individualidade.

A sala de aula observada e onde foi aplicado o Plano de Ação é o primeiro ano do primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Os alunos possuem entre 5 e 6 anos. Na sua grande maioria são alunos provenientes de família de baixa renda, com comportamentos ainda um pouco infantilizados. A sala possui 25 alunos, a maioria do sexo masculino.

O tema abordado no Plano de Ação foi a leitura, mais especificamente, a leitura de histórias mudas, isto é, o texto que se apresenta em forma de imagens.

Camargo nos traz uma definição sobre o que seria uma leitura de imagens.

Livros de imagem são livros sem texto. As imagens é que contam a história (CAMARGO, 1995, p.70).

O livro de imagem não é um mero livrinho para crianças que não sabem ler. Segundo a experiência de cada um e das perguntas que cada leitor faz às imagens, ele pode se tornar o ponto de partida de muitas leituras, que podem significar um alargamento do campo de consciência: de nós mesmos, de nosso meio, de nossa cultura e do entrelaçamento da nossa com outras culturas, no tempo e no espaço (CAMARGO, 1995,p.79).

Desse modo o livro de imagens se apresenta como um bom ponto de partida para a formação de leitores.

A finalidade principal da escola atualmente é formar alunos capazes de exercer sua cidadania, compreendendo e agindo sobre sua realidade social e para que isso ocorra de forma efetiva é fundamental a construção da proficiência leitora destes alunos.

O livro *Bruxinha Zuzu*, de Eva Funari, utilizado na atividade desenvolvida, aborda temas divertidos através de histórias mudas que facilitam o envolvimento do leitor e aguçam sua imaginação. A autora escreve livros infantis desde 1980, possuindo mais de 60 publicações e inúmeras premiações. Na década de 80, a personagem *Bruxinha Zuzu*, era publicada semanalmente em um caderno do jornal *a Folha de São Paulo*.

No livro base deste trabalho (*Bruxinha Zuzu*, de Eva Furnari), são apresentadas diversificadas histórias que proporcionam ao leitor a possibilidade de interagir com o texto. Publicado em 2010 pela editora Moderna em São Paulo, permite desenvolver inúmeras atividades didáticas, entre elas a promoção da capacidade criativa dos alunos através de histórias desenhadas, sem palavras, divertidas e engraçadas.

Baseado na perspectiva de que a leitura de imagens seria o foco do trabalho, foram analisados diversos aspectos no desenvolvimento do Plano de Ação, como a expressividade dos alunos, observada principalmente através da oralidade e os aspectos específicos ligados à leitura, como fluência, clareza, dicção, postura, ritmo, entonação.

Foi possibilitado às crianças demonstrar sua capacidade de compreender o que o autor quis transmitir em seu texto e dialogar com o autor, numa relação dialógica, entendendo e participando da história.

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão do processo de leitura, como prática social e/ou escolar mostra-se fundamental para a formação de um sujeito que consiga interpretar a sua realidade de forma crítica, organizando suas ações e agindo sobre sua própria história.

A prática escolar deve aproximar-se ao máximo da realidade em que seus personagens estão inseridos, para que não ocorra um distanciamento da teoria e da prática. Essa é a proposta de currículo adotada pela Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME-BH).

Através de um trabalho coletivo, foi desenvolvido para a rede, as Proposições Curriculares, documento que direciona a proposta pedagógica de cada ciclo que compõe a educação básica.

As Proposições Curriculares representam o resultado da reflexão sobre questões fundamentais para a educação e o currículo. Utilizando da própria definição da RME-BH, pode-se considerar que “o documento representa esforço de reflexão sobre questões fundamentais para a educação e o currículo”. Propõe novos diálogos e se mostra documento fundamental para orientação dos profissionais da educação da rede e o currículo do município, tendo como eixo fundamental o educando:

O desenvolvimento destas Proposições Curriculares não pode desconsiderar as características do estudante (sua idade e seus conhecimentos, suas possibilidades de compreensão e elaboração, o meio econômico, social e cultural onde vive), as características de sua família e da escola, pois estes são determinantes fundamentais das formas de pensamento do estudante ou são a base da construção das capacidades almejadas. (PROPOSIÇÕES CURRICULARES-RME-BH:Textos Introdutórios 2010,p11)

As Proposições Curriculares, adotaram a proposta do CEALE-FaE-UFMG, que buscam o desenvolvimento das capacidades/habilidades através de um processo que introduz, retoma, trabalha e consolida os conhecimentos. Entre as capacidades a serem desenvolvidas com os alunos, de acordo com documento norteador, está à aquisição da leitura e da escrita no 1º ciclo, considerado o ciclo da alfabetização.

Convém compreender a prática do letramento. Segundo Magda Soares (2004), no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas da leitura e da escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita acontece simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional da escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento.

Ocorreu então a ressignificação do conceito de alfabetização, entendida como o conhecimento das primeiras letras. O letramento amplia esta visão, pois representa o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades necessários para utilizar a língua em práticas sociais.

O ato de ler é permeado de intencionalidades. A decodificação dos signos dependerá, entre outros aspectos, da formação e conhecimento prévio que o leitor possui. Sendo assim é essencial que o professor realize um trabalho com a leitura que e aproxime o máximo possível das práticas de leitura não escolares, pois é no ambiente extraclasse que o aluno realizará a maior parte de suas interpretações. Influenciados pelo ambiente em que vive, é que o leitor, principalmente a criança, realizará inferências na tentativa de compreensão de livros escritos e de imagens.

[...] o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão”.(KLEIMAN,2013, p.15).

Ana Kleiman (1993), afirma que o grupo social em que o sujeito foi criado, onde se deu a sua socialização primária, terá influência no processo de formação de leitura do indivíduo, pois o auxiliará na construção do sentido, uma vez que a leitura do texto coloca em ação o seu sistema de valores e crenças. É nesse contexto que a escola se mostra como um cenário fundamental para a formação do leitor.

Masagão (2003, p. 56) evidencia que uma das implicações pedagógicas que o conceito de letramento traz é a necessidade de reflexão sobre o papel da escola e o desenvolvimento de práticas pedagógicas que respondam com mais eficiência às demandas sociais relativas ao letramento: “(...) não é a aprendizagem da linguagem escrita em si que transforma as pessoas, mas os usos que elas fazem desse instrumento.”

A leitura, vista como fundamental na formação do indivíduo letrado, deve ser trabalhada pelo professor através da utilização dos diversos tipos textuais, não somente explorando os aspectos de decodificação, mas a utilização de pistas que permitam construir o sentido daquele texto pelo aluno.

De acordo com as Proposições Curriculares (2010), faz-se necessário que o professor realize atividades que desenvolvam nos alunos a habilidade de ouvir a leitura de textos. Na organização dessas atividades, deve-se buscar diversificação dos autores, das temáticas e dos gêneros textuais em função da idade e do interesse dos alunos.

Em relação a linguagem oral, é importante a realização de atividades sistemáticas que auxiliem no desenvolvimento das habilidades específicas respeitando suas especificidades e as características que a definem, conforme descrito nas Proposições Curriculares:

É importante fazer com que as crianças atuem com textos orais em diferentes situações de comunicação: apresentações de peças teatrais, poesias e jornal falado, para as demais turmas, no auditório da escola; transmissão de recados e avisos; reconto oral de histórias lidas; entrevistas com familiares e moradores da comunidade; debates; relatos de experiências; seminários; gincanas.(PROPOSIÇÕES CURRICULARES-RME-BH:Língua Portuguesa, 2010 p.13)

A escolha de textos adequados talvez seja a tarefa mais complexa a ser realizada pelo educador em sua rotina diária, isto porque se considerar as características do seu público em sala de aula, vai se deparar com crianças que lêem de formas diferentes, principalmente as que se encontram no início da alfabetização.

Ler não significa somente decodificar o que conhecemos como o alfabeto, mas compreender o significado de símbolos e imagens que se fazem presentes no dia a dia. Desta forma, conseguir realizar a leituras de diversos textos é tão importante na vida do aluno.

A leitura de imagens para os alunos ainda não alfabetizados é uma forma de trabalhar e desenvolver a interpretação, pois anterior ao processo de escolarização, a criança já realiza a leitura de imagens à sua maneira. Esse processo é anterior a aquisição da escrita e desenvolvimento da oralidade, onde a criança realiza conexões e percebe sentido nos elementos visuais que a rodeiam.

O objetivo de se trabalhar leitura de imagens, para alunos não alfabetizados, pode facilitar a transição e aquisição da estrutura lógica da pré-leitura. Nesse contexto, a história com cenas mudas mostra-se como grande aliada do desenvolvimento da oralidade, pois permite trabalhar a mesma história em um grupo heterogêneo, onde alguns já lêem o sistema alfabético e outros ainda não. Este recurso didático possibilita ao aluno, construir hipóteses sobre o que ocorre em cada cena.

Assim, mesmo que oralmente, narrando cada cena ou descrevendo o que imagina ter originado aquele evento que aparece na imagem, o aluno começa a realizar sua produção textual, de maneira individual ou coletiva. Além disso, poderá realizar registros de sua descoberta através de relatos, contando a história com a hipótese formulada para sua turma, dramatizando e/ou até mesmo realizando registros, seja este uma produção escrita ou desenho.

Atividades e tarefas significativas que proporcionem o desenvolvimento da oralidade no início da alfabetização são primordiais para o sucesso do trabalho da alfabetização, através da valorização dos seus conhecimentos.

O professor, com o apoio da comunidade escolar, será o gestor do processo de aquisição da escrita, leitura e desenvolvimento da oralidade em sala de aula. A capacidade de ler e interpretar o texto oral e escrito se mostra como pilar fundamental para dar prosseguimento à realização do currículo proposto, por isso o planejamento das atividades de acordo com a intenção é primordial para o sucesso da proposta a ser executada, conforme orienta as Proposições Curriculares da Língua Portuguesa:

A organização das atividades de leitura, escrita e oralidade, é importante seguir uma rotina de trabalho que transforme a sala de aula em um ambiente de aprendizagem organizado, consistente e previsível, que possibilite às crianças o compartilhamento de ideias, o acesso a diferentes tipos de textos, a pesquisa de conteúdos relacionados aos textos que produzem e, principalmente, um ambiente que crie as condições necessárias ao desenvolvimento da autonomia no processo de construção do conhecimento sobre a escrita. (PROPOSIÇÕES CURRICULARES-RME-BH:Língua Portuguesa, 2010,p13)

A imagem no livro infantil não é um adereço, pois possibilita o desenvolvimento da autonomia da criança que aprende a ler, uma vez que esta deixa de depender de um leitor que domina o sistema de escrita alfabético. Utilizando-se desta premissa, as obras produzidas pela autora Eva Furnari, em torno

das aventuras da Bruxinha Zuzu, são aliadas do trabalho do educador. Em seus livros com cenas mudas, a personagem que encanta o público infantil, vivencia diversificadas experiências a serem descritas e interpretadas pelo leitor. Não existe a preocupação com a verossimilhança, no sentido de copiar simplesmente a realidade, e tudo se torna possível na formulação das hipóteses.

## 2. A ALFABETIZAÇÃO PARA A ORALIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES

O trabalho desenvolvido e apresentado a seguir, foi dividido em três etapas:

### 2.1 Primeira etapa

Segundo Carlos Novais:

A leitura expressiva na escola, com destaque no processo de alfabetização e letramento, é a leitura de textos poético-literários, na qual a criatividade da criança dialoga com a criatividade do escritor. Tal diálogo não só possibilita a ampliação das habilidades de compreensão, interpretação e produção de sentidos de textos, como alcançar o prazer da leitura, através do exercício dos recursos criativos da linguagem, favorecendo a formação da proficiência leitora.(NOVAIS 2014)

Partindo deste pressuposto, o Plano de Ação foi desenvolvido durante o ano de dois mil e quatorze, com uma turma composta por vinte e cinco crianças do primeiro ano do primeiro ciclo do ensino fundamental, na E. M. Moysés Kalil, compreendendo uma faixa etária de cinco a seis anos entre meninos e meninas .

A maioria dessas crianças não possuíam experiência escolar. Algumas já diferenciavam números de letras e símbolos e identificavam letras do alfabeto. Apesar de grande parte conhecer as letras como símbolos, não conseguiam identificar e nomear as letras do alfabeto. Foi observado que tinham pouco interesse nos livros de literatura.

Através de atividades com livros de literatura infantil em sala de aula e o trabalho desenvolvido junto à biblioteca, com empréstimo de livros e contação de histórias, os alunos foram desenvolvendo ,ao longo do ano, a curiosidade e o desejo de manusear, folhear e ler livros de literatura, além de solicitarem ao professor que contasse as histórias dos livros.

Dentre os livros da biblioteca à disposição, determinada obra chamou mais a atenção das crianças, Bruxinha Zuzu. Os alunos já haviam demonstrado grande interesse por histórias de bruxa, pois assistiram ao filme, Branca de Neve e os sete

anões, onde aparecia a figura bruxa, além de outras histórias narradas pela bibliotecária e pela professora onde, frequentemente, aparecia como personagem alguma figura de bruxa. Os alunos logo se deixaram levar pela curiosidade, observando a capa do livro, que deu origem ao trabalho descrito a seguir.

Na primeira etapa, que ocorreu na segunda semana do mês de agosto de 2014 (11/08/2014 a 15/08/2014) foi realizada uma roda de conversa em sala de aula, visando observar o conhecimento prévio dos alunos, onde foi possível que os educandos descrevessem as várias histórias infantis que apareciam bruxas. Foram então citadas: “Branca de Neve e os Sete Anões”, “Rapunzel”, “Shrek”, “Malévola”, “O Mágico de Oz”, entre outras.

Através dos comentários e do relato das histórias sobre os filmes e desenhos citados, os alunos foram incentivados a refletir sobre a real maldade das bruxas, pois em algumas histórias elas pareciam bem más e em outras não eram tão ruins, e em algumas histórias chegavam a ser boazinhas.

Os alunos foram instigados pela professora que comentou que iriam conhecer um outro tipo de bruxa, e que seria responsabilidade deles, decidir que tipo de bruxa era aquela de que falava o livro em questão: boa, ou não tão boa assim, má, não tão má assim, e assim por diante. Foi proposto que realizem essa reflexão em casa sobre a possível história de bruxa que iam conhecer no próximo dia de aula.

No dia seguinte, o grupo, acompanhado pela professora foram para o “Cantinho da Natureza”, espaço dentro da escola onde os alunos podem ler, ouvir histórias e brincar. Após conversa informal foi realizada a escuta dos possíveis conhecimentos que os mesmos poderiam possuir sobre o livro contendo a história que ia ser apresentada.

O livro foi apresentado, explorando diversos aspectos da capa, como o título, o autor, as ilustrações, o ilustrador, editora, ano de edição, e um breve histórico sobre Eva Furnari, a autora.

Foi contado às crianças que a família da autora mudou-se para o Brasil em 1950, quando Eva tinha dois anos. Cresceu na nova pátria, formando-se em Arquitetura pela Universidade de São Paulo, e a partir de 1976 dedicou-se inicialmente a livros com ilustrações, sem texto. Como autora infanto-juvenil e como ilustradora recebeu vários prêmios. Em 2004 foi escolhida para ilustrar a reedição de seis livros da obra infantil de Érico Veríssimo.

Logo depois da apresentação do livro pela professora, os alunos puderam manuseá-lo e contar à sua maneira, como entendiam as histórias que estavam vendo, quadro a quadro.

Foi realizada a escuta de todos os alunos e foi possível detectar algumas dificuldades , principalmente em relação ao vocabulário, à sequência, entonação e ao ritmo.

Após a exploração de algumas histórias do livro foi solicitado às crianças que se detivessem na primeira história e que relatassem a história ali contida.

A professora apresentou quadro a quadro a primeira história do livro, intitulada PATINETE e os alunos acompanhavam com o livro em mãos e descreviam oralmente o que estavam vendo. Aconteceu a construção de uma história coletiva. A supracitada história refere-se à bruxinha transformando o coelhinho em um patinete que pulava com a bruxinha o tempo todo, fazendo-a passar muitos apuros.

Alguns colegas pediram para contar a história no lugar da professora, e assim foi feito, como pode-se observar nas fotos mais à frente . Além da primeira história, PATINETE , os alunos recontaram também várias histórias do livro.

Neste momento foi possível perceber a importância da leitura de imagens no processo de desenvolvimento da linguagem oral como propõe as Proposições Curriculares (2010), que “orienta sobre o trabalho com vários tipos de texto que incentivem essa oralidade”, tão importante na construção do processo de alfabetização dessas crianças.

A história muda ou leitura de imagens vem subsidiar o trabalho do professor no sentido de permitir às crianças o desenvolvimento de habilidades específicas como ouvir, falar, sequenciar, trabalhar entonação, coerência, postura e principalmente, respeitar a opinião do colega, pois o texto que apresenta histórias mudas, pode suscitar diversas interpretações que irão surgir de acordo com a subjetividade de cada criança e sua história de vida .

Durante a aplicação dessa atividade as crianças tiveram a oportunidade de dialogar com o autor o que permitiu desenvolver um trabalho que possibilitasse, conforme descreve Novais, “a ampliação das habilidades de compreensão, interpretação e produção de sentidos de textos, além de possibilitar às crianças alcançar o prazer da leitura, através dos recursos criativos da linguagem, favorecendo a formação da proficiência leitora”.

As fotos abaixo identificam momentos em que a professora apresentava o livro aos alunos e permitia que os mesmos tivessem a oportunidade de observar e recontar algumas das histórias presentes nele.



FIGURA 1: Professora contando a história



FIGURA 2: Alunos manuseando o livro e recontando a história

## 2.2 Segunda etapa

A segunda etapa aconteceu no período do mês de setembro, onde a proposta era explorar a história que iríamos trabalhar de forma detalhada e divertida.

Durante a aplicação da segunda etapa, foi percebido que os alunos se interessaram muito pela história, e então foram realizadas de forma lúdica, brincadeiras que pudessem, de uma maneira descontraída, contribuir para a compreensão da história em questão.

Com a ajuda dos alunos foi confeccionado um chapéu de bruxa para teatralizar a história de uma forma bem caracterizada. Cada aluno se transformou na bruxinha que encantava e transformava os animais em objetos, no mínimo curiosos. As crianças inventaram falas e gestos próprios para a bruxa.

Alguns alunos citaram seus animais de estimação e que gostariam de transformá-los em algum objeto ou em outro animal. Todos falaram sobre seus animaizinhos de estimação, mas demonstraram preocupação, caso os animais ficassem transformados para sempre. Os alunos foram solicitados a observar o final do livro, onde a autora, Eva Furnari informa que nenhum animal foi sacrificado e após algum tempo voltavam à forma original. Eles demonstraram bastante alívio ao saber desta informação.

Algumas crianças trouxeram um patinete para a sala e se divertiram com os colegas, colocavam o chapéu de bruxa e se transformavam “na bruxinha. Ao serem indagados sobre o motivo pelo qual a bruxa transformou o coelhinho em um patinete e não em outro brinquedo, foram obtidas respostas no mínimo curiosas.

- “É porque como o coelho tem o pêlo quentinho, quando ela colocasse o pé em cima dele ia ficar com o pé quentinho também, ela deve ter os pés frios”.

Os alunos ficaram curiosos com o fato do patinete ficar pulando. “Mas ele tem é rodinhas, será porque pulava?” “E o que o coelhinho estava fazendo ali, dando ‘sopa’ pra bruxa pegá-lo?” “Onde a bruxa foi passear com aquele patinete?” “Será que ela caiu?”

Em grupos as crianças da turma discutiam a história e um representante de cada grupo apresentava à classe (vide fotos seguintes) as conclusões do grupo, sempre com a intervenção da professora.

A atividade foi orientada e direcionada pela professora, que fazia perguntas para aguçar a curiosidade e explorar mais a história, com o objetivo de verificar se

os mesmos estavam entendendo sobre o que estavam falando , além de permitir que eles extrapolassem . Se algum membro do grupo não concordasse com a versão contada podiam intervir.

Dessa forma todos do grupo podiam falar e os que não se manifestavam eram “induzidos” a participar através das intervenções da professora.

Quando as crianças estavam recontando a história a professora sempre intervia em determinados momentos ,com o intuito de levá-los a perceber que o ritmo de contação poderia ser outro, melhorar mais para que os coleguinhas entendessem melhor a história ; que tinham que observar a sequência dos fatos na hora da narração , observando o início , meio e fim da história ; além de ensiná-los a utilizar uma entonação que permitisse que a história ficasse gostosa de ouvir.

Ao permitir que as crianças relatassem a história , colocando sobre ela suas opiniões , foi possível compreender como grupo social em que o sujeito foi criado, conforme descreve Kleimann (2013), “tem influência no processo de formação de leitura do indivíduo, pois o ajuda na construção do sentido, uma vez que a leitura do texto coloca em ação o seu sistema de valores e crenças”. Cada criança imaginava formas diferentes de resolver o problema da bruxinha, impetrando na história formas pessoais , particulares , características de sua personalidade, de sua forma de ver o mundo.

É nesse contexto, com toda uma intencionalidade, que a escola se mostra como um cenário fundamental para a formação do leitor, e utilizando de “recurso criativos da linguagem”, já descrito por Novais (2014).

Foi permitido aos educandos a possibilidade de se manifestarem oralmente, de forma criativa, demonstrando sua personalidade, sua individualidade, e principalmente,tiveram a oportunidade de praticar a alteridade, pois de uma forma descontraída conseguiram perceber seus colegas, com opiniões, muitas vezes, divergente da sua .

As fotos seguintes representam o momento em que os alunos brincavam com o patinete e com o chapéu de bruxa , dramatizando e trabalhando em grupo para recontar oralmente e com desenhos a história em que trabalhavam.



FIGURA 3: Alunos relendo as imagens

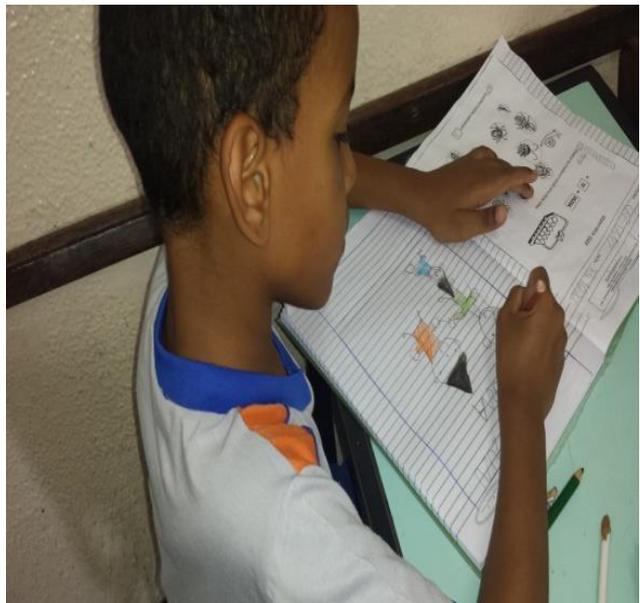


FIGURA 4: Dramatização, reconto oral, interpretação das imagens e reconto por ilustração.

### 2.3 Terceira etapa

Para concluir a sequência de atividades propostas, foi realizada uma produção escrita coletiva, onde os alunos narravam as cenas e a professora copiava na lousa para reprodução no caderno. Os alunos ilustraram seu trabalho.

Finalizando esse processo os alunos recontaram novamente a história, oralmente, com a finalidade de verificar se os objetivos do Plano de Ação foram atingidos, principalmente no que diz respeito ao vocabulário utilizado, à sequência, ao ritmo e à entonação.

Foi percebido um progresso muito grande desses alunos, pois conseguiram assimilar as informações e relataram sem dificuldades a história, com riqueza de detalhes em comparativo com a primeira leitura realizada no início do trabalho.

Conforme descrito nas Proposições Curriculares da Língua Portuguesa (2010) “o compartilhamento de ideias possibilita às crianças o desenvolvimento do respeito, da autonomia na formulação de hipóteses, da própria construção da identidade, num ambiente de colaboração, de fantasia, onde a formulação de hipóteses permite que as crianças extrapolem seus conhecimentos prévios”.

A maioria das crianças conseguiu atingir aos objetivos propostos. O trabalho será intensificado com os alunos que não conseguiram alcançar a todos os objetivos.

Segundo Kleiman (2013), “a leitura é considerada um processo interativo, os conhecimentos dos leitores interagem entre si”, e foi exatamente dessa forma que ocorreu na minha sala de aula, onde as crianças demonstraram que conseguiam interagir com os colegas e com os próprios conhecimentos que já possuíam, ao reproduzirem, oralmente e coletivamente, a história “Patinete” do livro A bruxinha Zuzu, de Eva Furnari.

Abaixo podemos verificar as fotos do reconto coletivo e suas ilustrações.

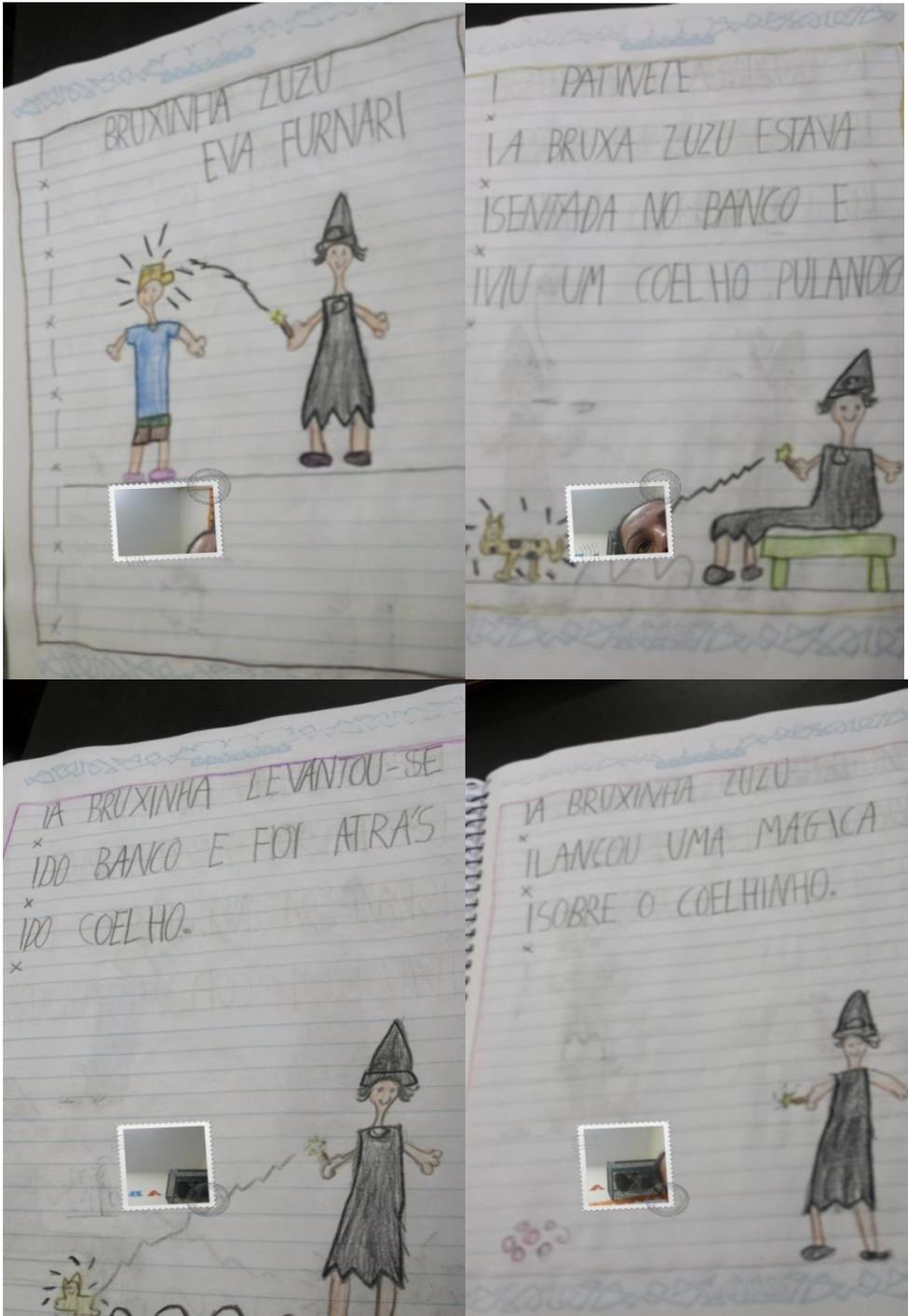


FIGURA 5: Reconto coletivo do livro através de ilustração

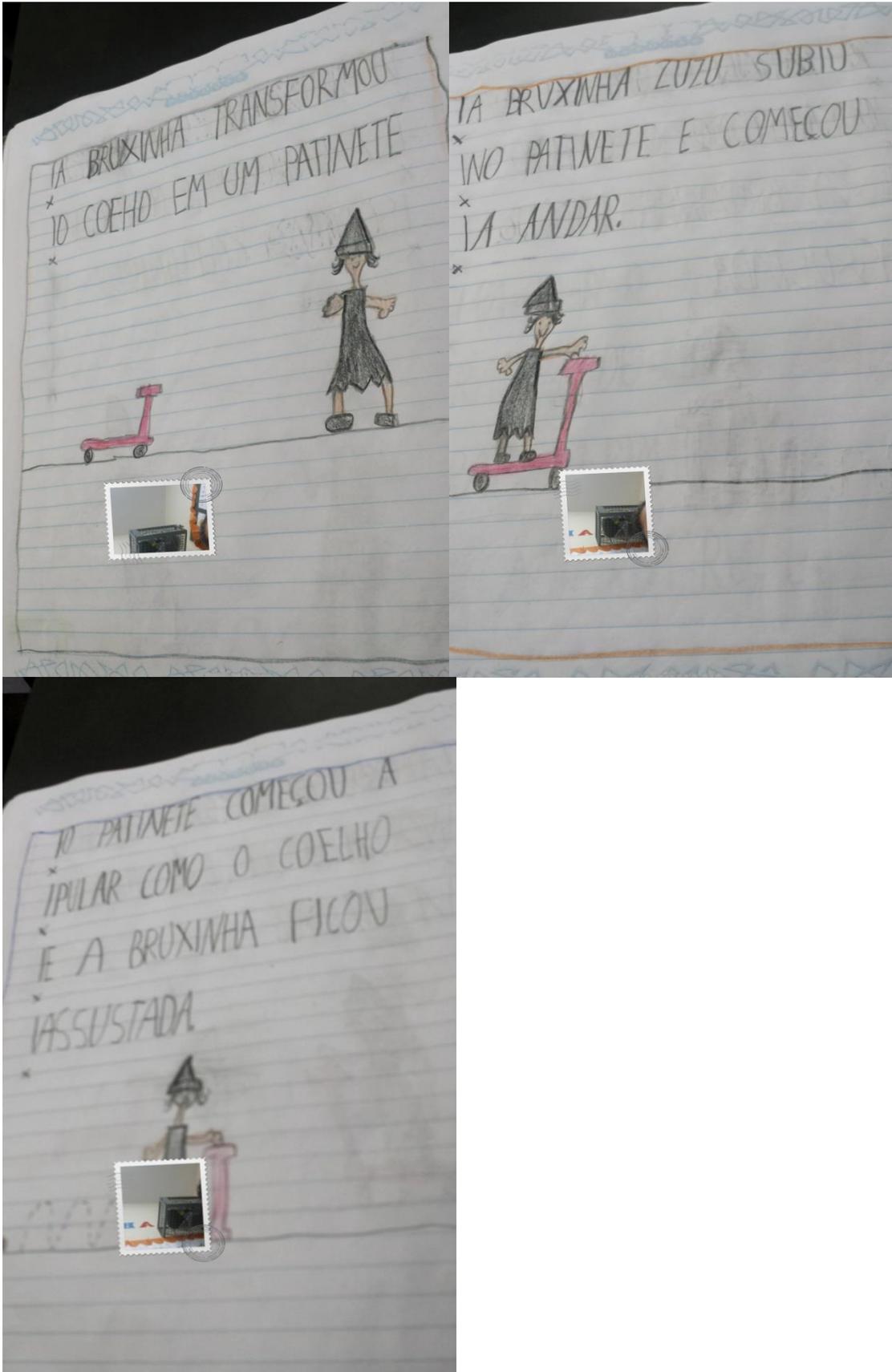


FIGURA 6: Continuação do reconto por meio de ilustrações.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas práticas cotidianas de leitura, é importante que o professor realize atividades que desenvolvam nos alunos várias habilidades, entre elas a de ouvir a leitura de textos.

Antes de iniciar a leitura do texto, é fundamental que o professor discuta com os alunos suas expectativas em relação ao gênero, ao suporte, ao título, ao autor, ao tema. Após a leitura, faz-se necessário comparar as inferências realizadas pelos alunos com os aspectos relacionados ao texto lido, como : “o que mais gostaram, as relações com outros textos lidos, suas opiniões a respeito do texto, o aspectos que não compreenderam” em conformidade com as Proposições Curriculares (2010). Nesse sentido, foi proposto aos alunos inúmeras atividades em consonância com as propostas das Proposições Curriculares da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Foi apresentado aos alunos um texto, que faz parte do livro “Bruxinha Zuzu” de Eva Furnari, onde a autora aborda, de forma ilustrada (histórias mudas), várias situações cotidianas, em que simples objetos são transformados em outros, que teoricamente, deveriam facilitar a vida da bruxinha, mas como ela é muito atrapalhada suas mágicas causam divertidas confusões.

Os alunos tiveram a oportunidade de explorar esse texto, sempre orientados pela professora, no que se refere aos itens citados anteriormente, quais sejam, o suporte, gênero, capa , título , autor, tema, entre outros.

Foi trabalhado com as crianças a questão do vocabulário, no início muito limitado, mas no decorrer dos trabalhos , com as intervenções da professora e ouvindo as versões dos demais colegas, perceberam que poderiam explicar melhor as cenas da história. Foi também trabalhado o ritmo, a entonação, a postura e a sequência , com os alunos, não só com a história em estudo, Patinete, mas outras histórias do livro.

Alguns relatos foram gravados para que os alunos pudessem ouvir o que falavam e detectassem em que poderiam melhorar quando contavam as histórias. Os alunos ficaram bem interessados e entusiasmados, foi um recurso que ajudou significativamente no desenvolvimento do Plano de Ação.

Ao procederem às atividades proposta, foi percebido o quanto era necessário o desenvolvimento de habilidades específicas da oralidade (Proposições Curriculares – PBH).

Analisando o trabalho desenvolvido no Plano de Ação, foi observado que, como nos sugere as Proposições Curriculares da PBH, os educandos demonstram mais interesse por atividades significativas, que valorizam seu conhecimento:

Sugerimos uma prática de alfabetização e de letramento que desperte o interesse dos alunos através de atividades significativas, da valorização dos seus conhecimentos e das suas vivências e, principalmente, da ressignificação da escrita e da leitura.(PROPOSIÇÕES CURRICULARES-RME-BH:Textos Introdutórios, 2010, p.10)

Baseado nos resultados observados, pode-se verificar que o Plano de Ação desenvolvido na instituição escolar alcançou êxito e servirá de referência para as desenvolvimento de novas atividades e aprimoramento das práticas pedagógicas, em consonância com o discurso do Ceale, ao considerar que “ a linguagem oral deve se tornar também objeto de ensino direto e sistemático em sala de aula” .

#### 4. REFERÊNCIAS

BRAKLING, Kátia Lomba. *Sobre a leitura e a formação de leitores*. São Paulo: SEE: Fundação Vanzolini, 2004. Texto parcialmente publicado no portal [www.educarede.org.br](http://www.educarede.org.br)

CANÁRIO, Rui. *A escola como construção histórica. O que é a Escola? um "olhar" sociológico*. Porto: Porto Editora. 2005, p. 59 - 88.

FURNARI, Eva. *Bruxinha Zuzu*. 1ª ed.-São Paulo: Moderna,2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7º ed. Rio de Janeiro: DP&A.2002.p.7 – 46

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura; teoria & prática*. Campinas: Pontes, 1993.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura*. 15º edição, Campinas, SP-Pontes Editores, 2013.

MASAGÃO, Vera Ribeiro. *O conceito de letramento e suas implicações pedagógicas*. Pátio, ano VI nov 2002/ jan/2003, p 54-57.

PBH. Secretaria Municipal de Educação. *Proposições Curriculares - Ensino Fundamental – Língua Portuguesa*, Belo Horizonte, 2010.

PBH. Secretaria Municipal de Educação. *Proposições Curriculares - Ensino Fundamental – Textos introdutórios*, Belo Horizonte, 2010.

NOVAIS, Carlos Augusto. *Leitura Expressiva*. IN: Glossário – Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita. CEALE – UFMG.2014. <Disponível em <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-expressiva>> Acesso em 16 de novembro de 2014.

SOARES, Magda Becker. *Letramento e Alfabetização: as muitas facetas*. Revista Brasileira de Educação, n. 25, p. 5-25, jan/abril 2004.

SOARES, Magda Becker. *Alfabetização e letramento: caderno do formador/Magda Becker Soares*; Antônio Augusto Gomes Batista. Belo Horizonte: Ceale/Fae/UFMG, 2005. 64p.-(Coleção Alfabetização e Letramento)

VARELA, Júlio e ALVAREZ-URIA, Fernando. *A maquinaria escolar. Teoria e Educação*, Porto Alegre, n.6 ,1992 p.68 - 96.